

## 2 Introdução

A equação vem sendo repetida à exaustão: globalização → nova divisão internacional do trabalho → reestruturação dos processos produtivos → competências profissionais novas e instáveis → demanda de formação permanente. Ao mesmo tempo e implicadas nesse processo, as tecnologias da informação e da comunicação desenvolvem-se com extraordinária velocidade, ampliando o potencial comunicativo do homem e seu acesso à informação. É neste cenário que a Educação a Distância aparece como a alternativa diferenciada, capaz de viabilizar de forma ágil e versátil a implementação de programas de formação e atualização profissional.

Na verdade, a modalidade não se limita a funcionar como resposta à necessidade de formação continuada. A legislação atual da educação brasileira reitera sua relevância, enfatizando a importância de pensá-la como mais uma estratégia educativa a serviço da democratização do ensino e da ampliação das oportunidades educacionais, como um todo. Atualmente, a seu respeito, proliferam estudos, programações oferecidas por universidades, criação de consórcios e de outras iniciativas afins. Parece haver, *“pela primeira vez, consenso no campo educacional em torno da idéia de que a EAD constitui uma modalidade com potencialidades para desenvolver ações educativas eficazes e de qualidade”* (Gonçalves, 2001).

A Internet se constitui como a principal responsável pelo status atual concedido à educação a distância. Seus recursos ampliam as possibilidades de interação, abrindo para os programas a distância vias de comunicação antes inexploradas (Marçal, 1999). Por ter ainda uma trajetória bastante recente no universo educacional, encontra-se em fase de descoberta, tanto teórica, quanto metodológica, constituindo-se, portanto, como um fértil campo de pesquisa. Muito já foi dito a respeito de Internet e educação (Aparici, 1999; Belloni, 1999; Fucks ; Lucena, 2000; Kenski, 2003; Pretto, 2000, Silva, 2003, dentre tantos outros) e com certeza ainda há muito a ser elaborado. Há um aspecto, contudo,

sobre o qual muito pouco se conhece. Trata-se do sujeito que está do "lado de lá", do estudante que se posiciona frente a um computador conectado à Internet e se dispõe a estudar a distância. Pouco se sabe a seu respeito, assim como das condições de apreensão e apropriação daquilo que recebe.

A realidade desse sujeito não é estática; pelo contrário, ela é eminentemente comunicativa. Por esta razão, este trabalho buscou a aproximação com os estudos da Comunicação com o intuito de enfrentar a situação no que ela apresenta de mais dinâmico. Tais estudos, visando compreender a dinâmica do processo comunicacional e a sua relação com os meios, passaram, ao longo do último século, por transformações radicais. A compreensão que se tem hoje a respeito do processo comunicativo resulta de uma longa trajetória que concebeu, ao longo dos tempos, os seus sujeitos de formas bastante distintas. Se até o final da década de 1970, o que predominou foi a tradição dos Estudos dos Efeitos, onde se procurava medir os impactos dos meios sobre a audiência, que era assumida como um pólo passivo e, portanto, à mercê dos meios e dos emissores, hoje, o entendimento que predomina é aquele que compreende o receptor como um sujeito, um sujeito que tem desígnios e que, por isso, interage com aquilo que recebe e com a forma de receber (Souza, 1994). Essa segunda tendência foi denominada Estudos de Recepção.

Inscrita no âmbito desses estudos, situa-se a Teoria das Mediações, que pressupõe que o sentido que se constrói entre o universo particular do sujeito e a mídia é informado diretamente pelo contexto cultural no qual ambos estão inseridos. Martín-Barbero (1994) sustenta que o receptor existe dentro de uma lógica cultural e dentro da possibilidade que essa cultura lhe abre (ou limita) para construir significados. Por outro lado, mas de forma complementar, Schmidt (2000) entende que os sujeitos lidam de formas diferentes com o processo de recepção. Cada um se apropria e negocia sentidos dentro de determinados limites sociais, isto é certo, mas o faz na amplitude de suas subjetividades. Em resumo, seja nos limites culturais, seja no contorno das subjetividades, estudar recepção não é outra coisa que inquirir sobre a produção de significado (Orozco Gómez, 2002). O que os referidos estudos pretendem é, portanto, compreender como o sujeito que recebe a mensagem atribui sentido a ela e incorpora o conteúdo desta ao seu repertório de práticas e formas de perceber o mundo e traduzir a realidade.

Aproximando-se do presente objeto de pesquisa, interessa perceber como esta dinâmica se processa frente à Internet e, em especial neste estudo, frente a um de seus produtos educativos mais significativos, os cursos on-line. Nesta situação, o processo de recepção tem em um dos seus pólos o sujeito que aprende. Orozco Gómez (2002) ilumina a reflexão com a questão: como transformar as interações midiáticas em processos de aprendizagem para os sujeitos receptores? Isso porque, também na aprendizagem, como em diferentes campos de comunicação, existem apropriações particulares da mensagem recebida, apropriações estas que se deixam influenciar por uma série de fatores que atuam, dentro de seu âmbito de influência, simultaneamente, sobre o sujeito: individuais, sociais, situacionais, contextuais, etc.

Ao utilizar os Estudos da Recepção como subsídio para uma pesquisa sobre recepção na Internet, é necessário dedicar alguma atenção a determinadas especificidades desta mídia que, longe de alterarem a lógica das teorias produzidas, incorporam novos elementos à sua reflexão: a interatividade é o primeiro desses elementos. A monodirecionalidade emissor-receptor – tradicionalmente entendida como estruturante do processo de comunicação – é aqui relativizada, pois quem recebe a mensagem passa a ser, logo a seguir, o emissor (bipolaridade). Oliveira (1998) sustenta que o conceito mesmo de receptor deve ser revisto. Como emissor e receptor passam a ser interativos, a ponto de o receptor apropriar-se das mensagens, este último pode deixar marcas que interferem em seu conteúdo, chegando a transformá-lo.

Outro fator específico dos serviços disponíveis através da Internet é a sua estruturação a partir de hipertextos. É o link o objeto que realiza a transição entre o mundo do produtor e o do receptor, viabilizando a autonomia desse último, no sentido de optar pela escolha da mensagem a ser por si significada. Enfatizando a relevância dessa temática, Ramal (2002) afirma que a internalização dos aspectos formais do hipertexto, assim como o hipertexto em si, enquanto mediação para a produção, recepção e a significação do conhecimento, apontam para uma nova ecologia cognitiva da sociedade, o que implica transformações nas formas de pensar e aprender.

Por fim, outra particularidade da mídia em pauta é o fato de se constituir num espaço de encontro de pessoas, viabilizando uma interação social direta que lhe é extremamente própria. É esse o ponto de vista de Peraya (2002), quando

concebe como dispositivo pedagógico qualquer instância ou lugar social de interação que apresenta funcionamento próprio, apoiado na organização estruturada de meios e materiais tecnológicos e simbólicos.

As peculiaridades enunciadas revelam uma constituição midiática da qual decorre, quase que naturalmente, uma suposição da existência de um receptor mais atuante. Se o que está em jogo na Internet — e de forma extensiva em um curso on-line — é uma prática comunicativa, protagonizada por sujeitos a respeito dos quais pode-se apenas esboçar um conhecimento, faz-se necessário, em um primeiro momento, buscar construir uma visão mais aprofundada a seu respeito: quem são, como se relacionam com a tecnologia, quais os seus hábitos culturais, como constroem caminhos no espaço virtual. Orozco Gómez (1999) corrobora esse entendimento quando salienta ser múltiplo o contato do receptor com a mídia: racional, emocional, simbólico, físico e estético. Aceitar a recepção dessa forma implica aceitar também que estudar a audiência significa estudar quem são as pessoas que se relacionam com os meios.

Algumas ressalvas se fazem necessárias para dimensionar o presente trabalho de forma apropriada. Assume-se que um estudo dessa natureza não poderá jamais oferecer uma percepção completa da dinâmica do processo de recepção mas pode, certamente, fornecer subsídios importantes para ajudar a compreendê-lo — uma vez que se propõe a estudar parte de uma complexa rede de interações. Schmidt (2000) defende que as práticas comunicativas não podem ser minimizadas a mero canal através do qual se transmitem conteúdos e devem ser assumidas como um espaço onde atores distintos desempenham papéis também distintos. Significa dizer que o processo de recepção só pode ser inteiramente mapeado se também for conhecido o campo da produção. O presente trabalho não se deteve nos produtos com os quais os receptores estavam interagindo, ou seja, em cada um dos cursos on-line dos quais participaram os sujeitos da pesquisa. Faz-se necessário, portanto, em outra oportunidade, com uma metodologia de análise adequada, avançar nesse sentido, isto é, analisar em profundidade a linguagem que os cursos on-line utilizam, o funcionamento dos recursos que colocam à disposição dos cursistas, as estratégias de que lançam mão para estabelecer a comunicação com estes, enfim, a *lógica da produção* (Martín-Barbero, 1994). Sem um olhar que contemple estas duas dimensões

reciprocamente, caso a caso, a visão construída fornecerá apenas algumas peças deste quebra-cabeça, significativas, sem dúvida, mas insuficientes.

Além disso, vale lembrar que uma melhor compreensão do que significa a apropriação de sentidos exige um estudo macrosocial, ou seja, dos contextos em que as mensagens são produzidas e significadas. Fica assim assinalada a relevância de investigações permanentes nesse campo.

## **2.1. Onde no campo**

O primeiro desafio deste estudo é situá-lo na cartografia atual do campo de pesquisa que se constrói a partir da articulação de alguns temas mais ou menos estabelecidos, mas cuja confluência ainda se faz relativamente escassa: refere-se aqui aos estudos de mídia, em especial aos que se dedicam à Internet e aos estudos de Recepção no campo da educação.

O que se vem observando no Brasil é uma variedade de formas de classificar pesquisas que contemplam ou tangenciam os temas acima citados. Isto se verifica, claramente, na forma plural com que distintas associações de cunho acadêmico encontram para classificar o assunto.

Ao pesquisar os Grupos de Trabalho da Compós, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, verifica-se a existência de dois campos de estudo nos quais a presente pesquisa poderia estar inserida: o de Mídia e Recepção, que trabalha, dentre outros temas, com a análise dos processos de recepção com ênfase na perspectiva interdisciplinar, e com a recepção como estratégia de abordagem de questões que envolvem a relação dos meios com a sociedade contemporânea e o das Tecnologias Informacionais de Comunicação e Sociedade, que se debruça sobre as formas de inserção das tecnologias informacionais de comunicação no mundo contemporâneo.

Já a Intercom, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação instituiu outros contornos. Conforme a classificação proposta, o estudo que agora se relata poderia estar incluído em dois outros campos: o de Tecnologias da Informação e da Comunicação, cujas pesquisas versam, dentre outras temáticas, sobre *“a Internet, a singularidade de seu mecanismo de recepção e emissão, as novas formas de mediação que autoriza e suas*

*características tecnológicas", e o da Comunicação Educativa, que pesquisa “as ações educativas e formadoras que, hoje, se encontram profundamente marcadas pelos mais variados sistemas e processos comunicacionais” (Intercom, 2004).*

Extrapolando as fronteiras nacionais e tomando como base um grupo de referência na América Latina, a ALAIC, *Asociación latinoamericana de investigadores de la Comunicación*, instituição à qual, no Brasil, se vincula a ECA, Escola de Comunicações e Artes da USP, bem como a Intercom, também se nota uma duplicidade de áreas nas quais esta pesquisa poderia inscrever-se: Estudios de Recepción, este coordenado por Nilda Jacks, e Internet y Sociedad de la información.

Em trabalho apresentado em 2004, na ALAIC, sob o título Práticas de Recepção Midiática: impasses e desafios da pesquisa brasileira, Ana Carolina Escosteguy e Nilda Jacks assumem como conceito de práticas de recepção aquele proposto por Sousa (*apud* Escosteguy, 2004): todas as práticas que têm como foco o interesse pelos receptores. No entanto, fazem a ressalva de que o termo generalizante *recepção* não deve obscurecer as especificidades das técnicas. Pelo fato de as práticas de comunicação serem profundamente constituídas pelo suporte técnico e, embora não devendo a ele ser reduzido (já que as tecnologias são mediações do processo comunicativo), as autoras entendem necessário tecer algumas distinções dentro do amplo espectro dessas práticas. É nesse contexto que irão fazer uma diferenciação entre as pesquisas que têm como objeto os públicos das mídias tradicionais (jornal, revista, rádio, cinema e tv) e aquelas que dizem respeito à nova mídia. As autoras aceitam a possibilidade de paralelismos e de conexões entre os usos das mídias referidas nos dois campos de estudo, mas enfatizam, com relação ao segundo, (estudos de Internet), por um lado, a escassez da pesquisa empírica e, por outro, a necessidade de essas mídias serem pensadas em separado<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> É importante mencionar aqui os estudos de Seiter (1999). A autora reconhece inúmeros paralelos entre a tv e a Internet. Para ela, a www reproduz alguns formatos da tv e do rádio, como esporte, revistas, notícias e etc e à medida em que passe de uma ferramenta de pesquisa para elites a um meio de comunicação de massa, as semelhanças entre *web sites* e os programas de televisão ficarão cada vez maiores. Sugere, portanto, que os *insights* da pesquisa de audiência de tv funcionem também para as pesquisas de audiência de Internet, principalmente no que se refere ao uso na esfera doméstica, à complexidade das motivações individuais e à variedade de possíveis interpretações das tecnologias da mídia, já que, para a autora, de modo geral, as pesquisas sobre audiência de Internet ignoram percepção sobre computadores e o contexto cultural nos quais ele são usados.

Coerente com esta orientação – a de que a Internet é uma mídia com características tais que justificariam o seu estudo em separado – novo campo vem se configurando: o campo de Estudos de Internet ou *Internet Studies*. A entrada da Internet na vida de milhões de pessoas em volta do mundo tem transformado diferentes aspectos da experiência, como identidade, comunidade e interação interpessoal. As transformações, resultantes, em grande parte da forma com a qual os sujeitos têm de negociar a relação que estabelecem entre o espaço real e o virtual que hoje habitam (Mitra; Schwartz, 2001), demandam uma melhor compreensão.

Jones (2003) entende que, como objeto de estudo, a Internet pode ser enfrentada tanto em uma abordagem tecnológica como em uma abordagem social, esta sendo a que interessa a este estudo em especial, já que examina a realidade social da Internet e das tecnologias e serviços da Rede em relação à experiência dos usuários. Para o autor, a Internet é um meio que guarda semelhanças com mídias desenvolvidas há mais tempo, mas também incorpora novas formas de comunicação, ou seja, apesar de conter muitos elementos que a aproximam de entendimentos já consolidados a respeito de outras mídias, há que se reconhecer que sua experiência é particular e por isso justifica e demanda pesquisas específicas.

Em um artigo recente, intitulado *Internet/cyberculture/digital culture/ new media/fill-in-the-blank studies*, David Silver (2004) aborda a diversidade de estudos compreendidos pelo guarda-chuva que vem sendo chamado de Estudos de Internet. O autor identifica este campo como espaço de trabalho acadêmico, intelectual e político e que já conta hoje com todos os elementos que dão a ele a legitimação acadêmica e *status* de disciplina. Inicialmente, traz um elenco de centros e organizações que trabalham com a temática diretamente, que inclui instituições européias, sul e norte-americanas, asiáticas, entre outras<sup>3</sup>. Nomeia também as conferências mundiais organizadas sobre o assunto<sup>4</sup>, e enumera um rol que inclui mais de dez publicações de cunho acadêmico<sup>5</sup>. Além disso, constata a

---

<sup>3</sup> Oxford Internet Institute (Inglaterra), Resource Center for Cyberculture Studies (EUA), Centro de Estudos e Pesquisa em Cibercultura (Brasil), entre tantos outros

<sup>4</sup> Como por exemplo, a da Association of Internet Researchers, a Association for Computing and the humanities.

<sup>5</sup> Entre elas, *New Media & Society*, *Journal of Computer Mediated Communication* e *Convergence*

proliferação de cursos de graduação no campo<sup>6</sup> e, por fim, conclui com a relação de pensadores que vêm se dedicando aos Estudos de Internet<sup>7</sup>. Apesar de tantos elementos, o autor entende que o campo ainda esteja completamente em construção, o que faz do processo de rastreamento de seu histórico uma tarefa desafiadora. Silver considera meados da década de 90 como um marco importante do “início acadêmico” do campo, momento da publicação de diferentes antologias sobre o tema, em especial o “*Virtual Culture*”, escrito por Steve Jones em 1997.

No Brasil, o Centro de Estudos e Pesquisa em Cibercultura, da Universidade Federal da Bahia, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação tem agregado professores e pesquisadores em nível de mestrado e doutorado e contribuído decisivamente para a inserção do Brasil no cenário internacional dos estudos de Cibercultura e Novas Tecnologias de Comunicação e Informação. No Rio de Janeiro, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense possui uma área de pesquisa denominada Tecnologias da Comunicação e da Informação onde, dentre outros temas, discutem-se as relações entre tecnologias da comunicação contemporânea, vida social e cultura, com ênfase nos aspectos socioculturais da comunicação mediada por computadores.

Na área de educação, os estudos voltados, em um primeiro momento, para a informática educativa e posteriormente, para a Internet, começaram a ser desenvolvidos no início dos anos 1990 dando origem à criação do Grupo de Trabalho Educação e Comunicação na ANPEd. Alguns dos pesquisadores que integram esse campo aproximam-se ou tangenciam, de alguma maneira, a temática aqui tratada, embora o foco principal seja, na maioria dos casos, o uso pedagógico de computadores na escola, o uso da Internet com fins educativos e políticas públicas afins. Entre estes pesquisadores destacam-se: Nelson Pretto, da UFBA (1999), Maria Luiza Belloni da UFSC (1999), Raquel Goulart Barreto da UERJ (2000), Tânia Porto, da UFPel (2003), Mirza Seabra Toschi, da UFG (2003), Vani Moreira Kenski, da Unicamp (2003), entre outros.

Também se dedica ao assunto abordado na presente dissertação a Comissão Especial de Informática na Educação. Subordinada à Sociedade Brasileira de Computação, tem como principais finalidades incentivar a pesquisa,

---

<sup>6</sup> O que inclui Oxford, Universidade de Washington, por exemplo.

<sup>7</sup> Dentre eles, Manuel Castells, Steve Jones e Sherry Turkle.



o desenvolvimento e a capacitação de recursos humanos no campo da Informática na Educação e promover a circulação, no âmbito da sociedade brasileira e da comunidade técnico-científica e educacional, de conhecimentos, dados, fatos e opiniões relativos ao campo da Informática na Educação. Essa comissão conta com alguns pesquisadores importantes, tais como José Armando Valente (Unicamp), Léa Fagundes (UFGRS), Marcos Elia (UFRJ), Crediné Silva de Menezes (UFES), dentre tantos outros e realiza, anualmente, o Simpósio Brasileiro de Informática na Educação que está na sua XV edição.

O Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-Rio vem também contribuindo para o desenvolvimento desse campo de pesquisa na área de educação, a partir de trabalhos como os de Maria Claudia Santos Lopes de Oliveira (2000), Andréa Cecília Ramal (2001), Roberto Meirelles (2002) e Helena Maria Guarisco (2002). No Departamento, quem tem orientado trabalhos dessa natureza é a prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida C. Mamede Neves, coordenadora do diretório de pesquisa “O jovem e a mídia”, do CNPq.

Uma vez descrito este contexto, está exposta a complexidade da empreitada. A dificuldade de inserir a pesquisa sobre práticas de navegação de estudantes de cursos on-line em um campo de estudos bem definido pode ser que derive da pouca tradição de estudos desta natureza, já que o campo só recentemente se delineia. Pode ser que os estudos de Internet já tenham um corpo teórico suficientemente amplo e definido para polarizar quaisquer trabalhos que tenham esta mídia como objeto, independentemente do caráter da investigação (Silver, 2004). Pode ser ainda que o fato de a educação se beneficiar de estudos dessa natureza seja a razão que justifique posicioná-la naquele campo que Rivoltella definiu como sendo de *pesquisas sobre o uso educativo das mídias* (Rivoltella, 2004).

Seja como for, pode-se cogitar que essa multiplicidade de possibilidades (ou critérios) de classificação provavelmente decorre menos de uma questão conceitual, mas, antes de recorte ou literalmente, de ponto de vista – ponto de vista significando lugar a partir de onde o sujeito lança o seu olhar. O campo apresenta-se traçado por numerosos pontilhados – que estabelecem frágeis fronteiras em seu território – e pode permitir a inclusão da pesquisa num ou noutro terreno, sem que isto tenha maiores implicações no cotidiano do fazer pesquisa.

Pelo que foi exposto, pelas premissas teóricas e pela forma de condução do trabalho empírico entende-se que esta pesquisa se inscreve próximo ao domínio dos estudos de recepção. Contudo, conforme propõem Escosteguy e Jacks (2004), estudos de recepção no âmbito da Internet têm especificidades suficientes que justificam pensá-los em separado. Não há conforto na definição. Assume-se, portanto, mais oportuno explicitar as premissas de trabalho e com isto, deixar que o leitor situe a pesquisa no limite das fronteiras que lhe parecer mais profícuo. Classificar, nas circunstâncias acima expostas, não facilita a compreensão da temática. Soa como ato de confinamento. Se o assunto pulsa, se desvencilha, se tem vida nova, que se respeitem as limitações – e a riqueza – do objeto.